"Em 2011 precisamos de regressar à credibilidade"

Pelo segundo ano consecutivo, Luís Branco é distinguido pelo Diário Económico. Depois de ter integrado a Morais Leitão, Galvão Teles, Soares da Silva e Associados em 2001, lidera actualmente a equipa de bancário e financeiro. É uma das referências nacionais no direito bancário, mas isso não o impede de manter um pé na vida académica. Entre 1982 e 1996 foi assistente na Faculdade de Direito da Universidade Católica de Lisboa, agora mantém-se como professor em seminários livres e pós-graduações.
Luís Branco antevê um ano de 2011 difícil em que será preciso "regressar à credibilidade" aguentando "o Orçamento" [do Estado]. Não prevê fusões entre os principais bancos mas, no próximo ano, deverão aumentar os benefícios para depositantes, haverá uma selecção mais rigorosa na concessão de crédito e "um número crescente de reestruturações". "Incluindo através de entidades externas aos Bancos: fundos de capital de risco".

Em 2009 foi preciso "aguentar os Bancos", em 2010 "aguentar a dívida pública portuguesa", em 2011 será "aguentar a execução do Orçamento".

Em 2011, pelo terceiro ano consecutivo, o sector bancário estará debaixo de uma enorme tensão. Qual é, nesta altura, a maior dificuldade com que se depara a banca nacional?

Creio que a maior dificuldade (para não dizer impossibilidade) continua a ser a obtenção de financiamento no exterior (para além do que vem sendo concedido pelo Banco Central Europeu). A confirmar-se um cenário recessivo para 2011, a respectiva carteira de crédito vai continuar a deteriorar-se.

Tendo em conta o encerramento do mercado financeiro à banca nacional, como antevê os próximos meses?

Haverá uma maior procura de "funding" no mercado nacional, através da oferta de condições atraentes para os depositantes e aforradores em geral. Do lado do crédito, teremos uma selecção muito rigorosa das operações a financiar. Tudo isto será acompanhado por um número crescente de reestruturações (incluindo através de entidades externas aos Bancos: fundos de capital de risco).

Acredita que, tal como aconteceu no ano de 2010, em 2011 assistiremos a mais fusões na banca nacional?

Penso que sim, mantendo-se a tendência das fusões ocorrerem entre instituições de menor dimensão. No que se refere aos maiores bancos nacionais, atentas as respectivas estruturas accionistas e o grau de concentração do mercado, parece me mais difícil que ocorram fusões.

> *Em 2011 vai manter-se a tendência de fusões entre instituições de menor dimensão. Quanto aos* ***maiores bancos nacionais*** *parece-me mais difícil que ocorram fusões.*

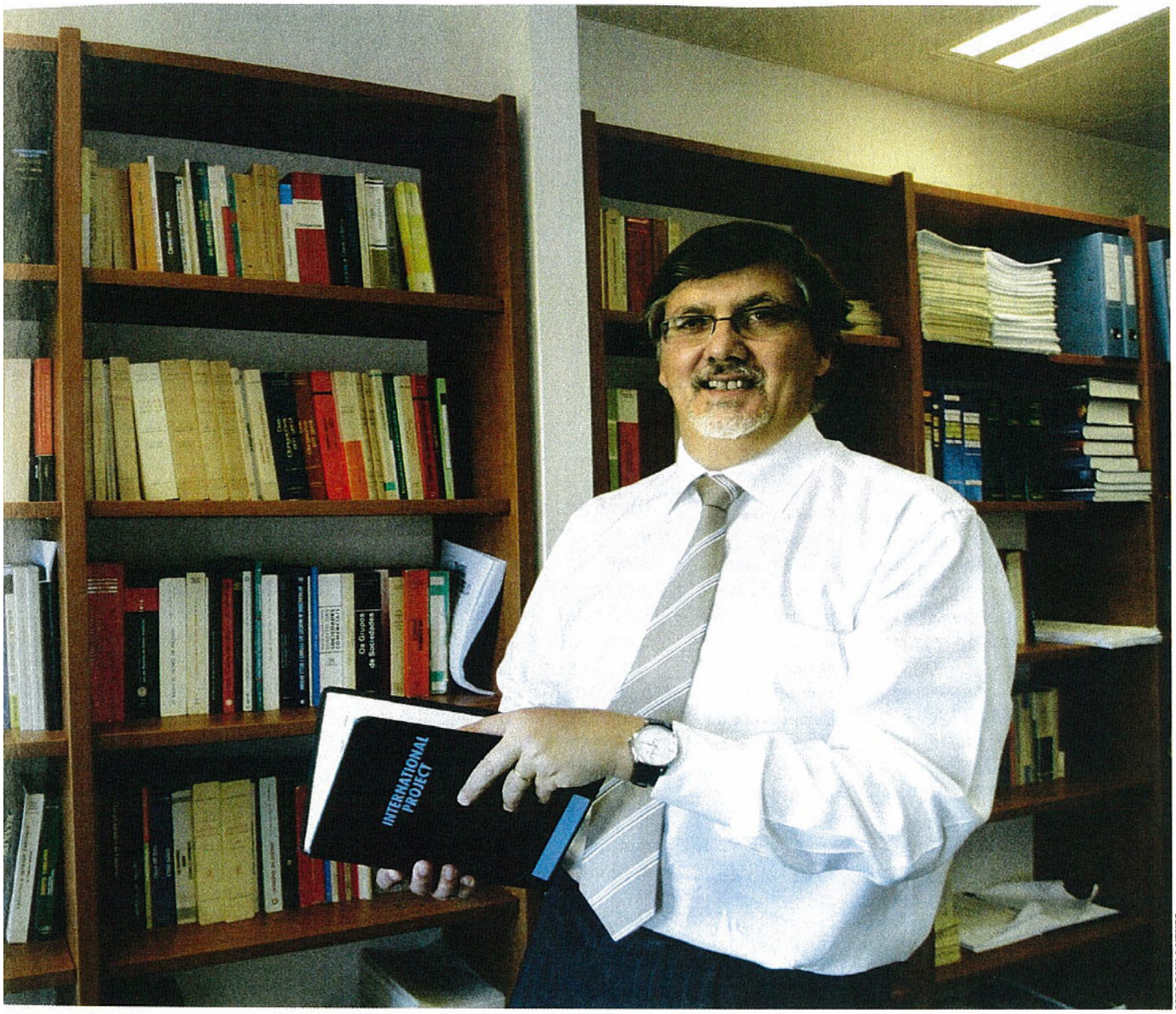

FOTO PAULA NEVES

Como classifica a forma como os principais bancos portugueses têm reagido à turbulência nos mercados financeiros?

De forma muito positiva. Alertando o "sector" político (que se revelou completamente ignorante quanto à forma de funcionamento dos mecanismos de financiamento da economia e do Estado) mas sem causar pânico ou instabilidade.

O que pode e deve a banca nacional fazer para aguentar o difícil ano de 2011?

Procurar fazer todo o possível para diferenciar Portugal dos demais países em dificuldades, divulgando sistematicamente a situação positiva do sector, a competência dos respectivos gestores, a diversificação dos riscos através dos vários mercados em que actua, etc. Em suma – e a comunicação social deve ajudar – realçando tudo o que é positivo no sector.

Qual é ao certo o peso que o comportamento da dívida soberana portuguesa terá sobre a capacidade da banca nacional aceder ao mercado financeiro?

Não sou especialista na matéria, mas parece ser evidente que enquanto pairar a "crise" da dívida soberana portuguesa a vida será muito mais difícil para os bancos portugueses junto dos seus congéneres estrangeiros.

Na foto:
Luís Branco, no seu gabinete na Morais Leitão, Galvão Teles, Soares da Silva e Associados na Rua Castilho em Lisboa.

Depois de um ano de 2009 em que se ouviu muito falar em "aguentar" e um ano de 2010 em que a palavra de ordem voltou a ser "aguentar" o que marcará 2011?

Em 2009 houve que "aguentar os Bancos", em 2010 "aguentar a dívida pública portuguesa", em 2011 creio que será "aguentar a execução do Orçamento" para voltar à credibilidade. Q